

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**CLEMILSON DA ROSA**

**HISTÓRIA E TRADIÇÃO DO BOI DE MAMÃO EM SANTA  
CATARINA(1970-2000)**

**CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010**

**CLEMILSON DA ROSA**

**HISTÓRIA E TRADIÇÃO DO BOI DE MAMÃO EM SANTA  
CATARINA(1970-2000)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Dr. Carlos Renato Carola

**CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010**

**CLEMILSON DA ROSA**

**HISTÓRIA E TRADIÇÃO DO BOI DE MAMÃO EM SANTA  
CATARINA(1970-2000)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura e Bacharelado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Historiografia

Criciúma, 10 de Dezembro de 2010

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Carlos Renato Carola – Doutor – (UNESC)- Orientador

Prof. Paulo Sérgio Osório - Mestre -(UNESC)

Prof. Maris Benski- Especialista - -(UNESC)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho de conclusão de curso primeiramente aos meus pais, que sem seu amor e seu carinho não teria condições de realizar esse trabalho, bem como a minha esposa Ester que me acompanhou neste difícil trajeto.

## **AGRADECIMENTOS**

A construção dessa escrita dependeu de muitas portas que foram abertas por outras pessoas, através de conversas sérias ou nem tão sérias sobre o tema e também daqueles e daquelas que estiveram dispostas a mudar de assunto para fazer com que o período de escrita do presente trabalho tenha sido tão especial e agradável. Foi uma longa e difícil caminhada, mas fui muito feliz ao realizá-la . Esse é o momento de agradecer aos apoiadores desse trajeto.

Em primeiro lugar, preciso agradecer ao grande mestre Carlos Renato Carola o qual através de seu conhecimento e carinho permitiu que conseguisse entender qual a verdadeira função da história.

Também se constitui importante agradecer a todos amigos e colegas do curso de História os quais foram fundamentais para a concretização deste lindo sonho.

## RESUMO

Diante de uma perspectiva historiográfica sobre a influência açoriana em Santa Catarina, a presente pesquisa estuda os motivos que propiciaram a vinda desses imigrantes ao litoral catarinense, observando as manifestações populares de sua cultura, analisando os aspectos religiosos e folclóricos com destaque na brincadeira do boi-de-mamão. Portanto, este estudo objetivou esclarecer e compreender a brincadeira do boi-de-mamão na cultura açoriana, dentro de um pensamento que abrange o conceito de folclore e cultura popular, onde para tanto, realizou-se um estudo qualitativo através de uma pesquisa bibliográfica. Diante dos dados obtidos, concluiu-se o boi-de-mamão ocupa diferentes espaços em Santa Catarina, mas está sempre presa as tradições das comunidades que deram e dão vida a esta brincadeira até hoje. Com relação aos hábitos que permearam a fé e as tradições de entretenimento popular, fica identificado suas origens e a sua repercussão no período da colonização açoriana até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Açorianos, Boi-de-mamão, folclore

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 HISTÓRIA E CULTURA AÇORIANA EM SANTA CATARINA .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 A colonização açoriana.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 A cultura alimentar .....</b>	<b>11</b>
<b>2.3 A Cultura Religiosa.....</b>	<b>12</b>
<b>3 A TRADIÇÃO DO BOI DE MAMÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 A Tradição do Boi de Mamão na historiografia catarinense.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 Mudanças e Permanências na tradição do Boi de Mamão .....</b>	<b>21</b>
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Diante da origem e do histórico a respeito da chegada dos açorianos em Santa Catarina no século XVIII, foi deixada uma herança a cultura brasileira, que influencia até hoje a cultura do estado catarinense. Entre eles estão a culinária e a religião, com suas festas que acontecem com suas danças e folguedos, entre eles, a pesquisa retrata a presença do boi-de-mamão na tradição do folclore açoriano em quase todo litoral catarinense.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo compreender a brincadeira do boi-de-mamão na historiografia catarinense, dentro das perspectivas que abrangem os conceitos de folclore e cultura popular.

Foram usados como referenciais teóricos neste trabalho os autores Vilson Francisco Farias com obras mais recentes como a dos *Açores ao Brasil Meridional*, em uma perspectiva menos tradicional que a do autor Oswaldo Rodrigues Cabral, que publicou várias obras sobre a história de Santa Catarina. Este diz que a cultura é definida como um conjunto de artes, leis, e costumes de um povo, e representam manifestações de tudo o que o homem adquiriu ao seu grupo social, e conseqüentemente transmite aos seus descendentes. Cabral (1954)

Conforme Lúcio (2006), todos os tipos existentes na cultura de Boi de Mamão, contam de maneira diferente a mesma história, sendo que cada região, o denomina conforme a sua cultura e crença. Portanto, o boi-de-mamão, ocupa diferentes espaços, com uma visão romântica, mas sempre presa às tradições das comunidades que deram e dão vida até hoje a esta brincadeira. (GONÇALVES, 2006).

Diante disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de artigos científicos retirados de sites da internet e livros do acervo da biblioteca da UNESCO e da Biblioteca Municipal de Criciúma.

Para tanto, o corpo do trabalho foi dividido em dois capítulos, sendo que o primeiro traz aspectos relacionados a história e cultura açoriana, sua colonização no estado de Santa Catarina, sua cultura alimentar e por fim sua cultura religiosa. Já o segundo capítulo traz a tradição do boi-de-mamão, seus aspectos históricos e sua historiografia no cenário Catarinense, sendo que ao fim a pesquisa procura

esclarecer quais as principais mudanças e permanências sobre a tradição do boi-de-mamão, se fazem presentes na brincadeira dentro do Estado, até os dias atuais.

## 2 HISTÓRIA E CULTURA AÇORIANA EM SANTA CATARINA

Segundo Farias (2000), os açorianos romperam mares, através de sua necessidade e curiosidade. Conseqüentemente, levaram seus sonhos para áreas semipovoadas de Santa Catarina, até o início do século XX, sendo que mais tarde vieram a disputar um lugar em áreas com povos já estabilizados, ou seja, fixos territorialmente e economicamente. Ainda de acordo com o autor:

[...] as identidades culturais regionais expressam valores específicos de uma cultura mais ampla, que encerra qualitativos como língua comum, costumes, tradições, religiosidade, imaginário, enfim, o “saber ser e o saber fazer de um povo”. (FARIAS, 2000, p. 89).

Investigando a cultura de forma mais generalizada na região do estado de Santa Catarina, Halfpap (1971), define as manifestações culturais sobre uma perspectiva de não se caracterizar por uma única etnia, ou seja:

[...] Santa Catarina não constitui um todo homogêneo. Em termos, culturais, sociais e mesmo econômicos, a realidade se apresenta diferenciada, marcada por particularidades bem definidas. Dessa forma, o litoral apresenta influência, especialmente açoriana: economia agrícola sustentada pela pequena propriedade e complementada por atividade pesqueira artesanal. (HALFPAP, 1971, p. 72).

Farias (2000), ainda ressalta que os açorianos possuem muitas riquezas e ainda muitas delas a explorar, pois possuiu um território de 2.344 km quadrados. Portanto, os açorianos estimulados pela identidade cultural, precisam e devem buscar exercer sua liderança cultural, para que assim possam se desenvolver de maneira auto-sustentável, aproveitando assim, o ecossistema e a “riqueza dos valores da cultura açoriana”.

### 2.1 A colonização açoriana

Segundo o escritor Franklin Cascaes, o que alavancou a vinda dos açorianos para o estado de Santa Catarina foi uma determinação do reino de Portugal em 1748 por D.João V, com a intenção de proteger a região do sul do Brasil dos olhares espanhóis. A ilha de Açores, descrita por Cascaes, tinha um clima muito

compatível com o de Santa Catarina, facilitando assim as colonizações açorianas, que foi iniciada na ilha de Florianópolis, região na época conhecida por Desterro.

Outra obra identifica a saída dos imigrantes do arquipélago de Açores, para Santa Catarina, a Epopéia Açórico Madeirense de Walter F. Piazza, que demonstra as condições naturais como erupções vulcânicas, e superpopulação que provocou crises alimentares, além das razões políticas.

Na obra de Vilson Francisco de Farias observa-se, que nos períodos de 1748 a 1756, à população da Vila de Laguna era maior que a da Vila de Desterro, sendo inferior apenas com relação à Vila de São Francisco. Este período data a chegada dos primeiros açorianos em Laguna. Estes imigrantes açorianos desenvolveram no litoral catarinense as técnicas da pesca de baleia. Outra grande contribuição dos açorianos foi para a arquitetura semi-industrial, dos engenhos de farinha.

No âmbito da construção, na obra de Farias, existe um documento datado do ano de 1751, do governador Manuel Escudeiro, endereçado a corte de Lisboa, que informa a rejeição de alguns casais açorianos, naquele mesmo ano em que se instalaram na localidade de Magalhães, em Laguna. O motivo foi porque estes imigrantes não teriam encontrado barro para a construção de casas de pau-a-pique.

Farias mostra que foram criados núcleos conhecidos como armações de baleia, com a função de abastecer o mercado colonial e da metrópole. Ali se constituiu o espaço, para que fosse possível produzir um ambiente de convívio, dos que com ela contribuía residências, templos e armazéns. Com o crescimento da companhia de Pescaria das Baleias, sendo esta uma empresa que monopolizava o serviço da caça da baleia, permitindo-a somente à ricos comerciantes foram assim criadas a Armação de São Joaquim de Garopaba, em 1793/1795 e, posteriormente em 1796 fundada à de Imbituba.

Tendo em vista, que é quase uma utopia resgatar valores culturais ao longo do tempo, e observando as gerações que marcam sua identidade na história, também é possível observar a forte personalidade que existe entre aqueles que tentam manter as tradições no âmbito da arte folclórica.

Conforme Sayão (2004), Oswaldo Cabral, historiador oficial de Santa Catarina, se dedica principalmente para que a cultura açoriana permaneça viva em terras brasileiras. Percebe, nos discursos em torno do folclore, as disputas políticas regionais, onde se destacavam as histórias dos açorianos de Santa Catarina. Desta

maneira, pode-se dizer que foi num momento de luta pela hegemonia cultural em Santa Catarina, que o tema açoriano ganhou importância para os intelectuais, e lugares de memória da cultura açoriana, como os arquivos foram abertos e remexidos.

É partir daí que a imagem do colonizador açoriano, antes associada a um sujeito "indolente" e "incapaz", passa a ser reformulada e percebida de uma maneira diferente, mais otimista e positiva. Deste modo, através da construção de uma identidade histórico-cultural, em meio às lutas simbólicas por uma hegemonia cultural e política, é que foi sendo valorizada a cultura açoriana.

## **2.2 A cultura alimentar**

Conforme Farias (2001), a gastronomia açoriana em Santa Catarina é marcada pelos seus temperos e condimentos, trazidos do arquipélago dos Açores. O arquipélago de Açores ficava nas mediações da rota das grandes navegações e só os mais abastados tinham acesso às especiarias na Europa. Diante disso, podemos observar, ainda segundo o autor que:

[...] no litoral catarinense, muitos dos hábitos alimentares trazidos pelos açorianos foram modificados, não pelo clima, mas devido à mudança de produtos básicos da alimentação. O trigo, alimento básico nos Açores, foi aqui substituído pela farinha de mandioca básicos da alimentação. Esta mudança associada a uma maior presença do peixe na alimentação, em detrimento da carne bovina e queijo, gerou uma nova gastronomia, tendo como elemento comum os temperos (condimento) usados. Os caldos e ensopados de peixe, camarão, carne, couves, tinham temperos básicos comuns, com variações nos molhos que os acompanhavam. (FARIAS, 2001, p. 701).

Conforme visto na citação acima a respeito de alimentação, nota-se a visão de Farias sobre a farinha de mandioca, como principal acompanhamento nas refeições, tanto para fazer o pirão quanto para o preparo da farofa.

Baseando-se na proposta de Farias (2001), percebe-se uma incorporação por parte dos açorianos, aos hábitos dos portugueses vicentistas, e também aos hábitos dos escravos africanos que se encontravam em Nossa Senhora do Desterro. Destaca-se também a chegada destes imigrantes e suas atividades aqui empregadas no ramo da agricultura, da pesca, e o seu empenho na atividade da

construção de engenhos de farinha de mandioca e de açúcar, alambiques e embarcações destinadas à pesca e caça às baleias.

Farias (2001) nos mostra algumas modificações alimentares sofridas pelos açorianos no decorrer dos anos, entre elas estão:

[...] a substituição da farinha de trigo pela de mandioca e do pão pelo beiju e o cuscuz; a substituição da cevada e do centeio pela farinha de mandioca e da carne pelo peixe. Assim, o caldo de carne é pouco utilizado, ficando em seu lugar o caldo de peixe e o de camarão, e o pirão feito com os mesmos. Os pratos básicos são todos a base de peixe, frutos do mar, farinha de mandioca, feijão, milho e café. (FARIAS, 2001. p. 703-704)

Independente das substituições de alimentos relacionados acima, os temperos continuam os mesmos, com a exceção da canela e do cravo, que não fazem parte do cardápio de pratos de carne e peixe, como no território açoriano. Segundo Farias (2001), observa-se que:

[...] persiste o angu de milho, temperado com açúcar, cravo e canela. (...). A "sopa" de feijão cozido com verduras e tubérculos e as açordas, conhecidas como "soldas de ovo". (...). O uso do peixe escalado (salgado e seco ao sol defumado) ainda é muito comum entre os descendentes de açorianos, e estes já o utilizavam nos Açores. (FARIAS, 2001. p. 703)

Alguns desses nomes podem parecer um tanto exóticos em algumas regiões do litoral catarinense, e até mesmo ter outras variações de nomes, devido é claro a sua extensão, porém são comuns em determinadas regiões.

Farias (2001), destaca também alguns elementos desconhecidos em Açores para os catarinenses:

Moluscos como as lapas (tipos de mariscos), as ameijoas, o búzios, os percebes e as cracas são desconhecidos entre nós; o polvo e a lula, muito utilizados, pelos açorianos são de uso pouco comum entre nós; o caranguejo (sapateia), muito apreciado pelos açorianos, não é utilizado aqui, sendo que as lagostas são de uso raro pelos descendentes. O camarão, crustáceo mais popular aqui, não de uso generalizado no arquipélago açoriano. (FARIAS, 2001. p. 703)

Sobre estes hábitos alimentares, alguns incorporados, outros substituídos, permitiram nesta obra de Farias a observação sobre as conseqüências trazidas pelos imigrantes açorianos. Essas modificações ocorreram tanto para esses imigrantes como também para os que aqui já habitavam.

### **2.3 A Cultura Religiosa**

No decorrer do tempo, o povo português segundo Farias (2001), alimentou sentimentos religiosos profundos, o que fundiu sua fé com as crenças nos elementos da natureza. Dessa maneira, foram produzidas crenças e superstições que atravessaram os séculos, sendo que chegaram intactas até os dias atuais. O autor coloca a permanência da religiosidade da seguinte maneira:

O Sul do Brasil, onde já viviam povos designados pelos portugueses de índios, que acreditavam em diversos elementares, como boi-tatá e mula-sem-cabeça, bem como veneravam as forças da natureza, facilitou a permanência e ampliação das crenças e mitos trazidos pelos portugueses. O semi isolamento a que foram submetidas as comunidades de origem lusitana do sul do Brasil, por centenas de anos, assegurou a permanência de práticas culturais religiosas desaparecidas, quase por completo, em Portugal. (FARIAS, 2001, p. 780).

Na análise da cultura religiosa açoriana em Santa Catarina, pode-se observar na obra de Cascaes (apud Caruso, 1989) uma forma de compreensão da seguinte forma:

[...] Vamos começar a explicar o que significava o pão por Deus, que é um recorte de papel em forma de coração, quase sempre bordado com o mesmo tipo de fio com que as mulheres fazem renda. É um trabalho manual feito com papel de seda com um espaço livre onde uma pessoa pode escrever seus versos. (CASCAES apud Caruso, 1989. p. 157).

Segundo Cascaes esse tipo de atividade funcionava como uma espécie de namoro por correspondência. E dentro deste contexto de romance às escondidas, muitas vezes eram manifestadas pelos versos, e também era a forma como os jovens namoravam. Nessa época eram os pais que decidiam com quem as filhas e os filhos deveriam namorar.

Em Santa Catarina esse tipo de atividade, conhecida como pão por Deus, ocorria nas comemorações da festa do Divino, festa essa ao qual é destacada a cultura religiosa açoriana. Segundo Farias (2001), essa festa é um legado secular cuja sua manifestação é a mais significativa da cultura profano-religiosa do sul do Brasil.

Vale lembrar também que dentro dos traços da religião açoriana em Santa Catarina, pode-se observar os aspectos que valorizam a importância da festa do divino da seguinte forma:

O encontro de aspectos da teologia católica sobre o Espírito Santo, da história do povoamento da sociologia contemporânea produz um espetáculo no qual o religioso e o profano em áreas impossíveis de serem delimitadas. (SACHET, 1997. p. 47).

Em torno deste aspecto Sayão ressalta que Santa Catarina “não constitui um todo homogêneo, em termos culturais e sociais” (SAYÃO, 2004. p. 84). É possível analisar nos tempos mais atuais, ainda segundo o autor, que o profano e o religioso se misturam, não só quando se observa nas festividades do terno de reis comemoradas juntamente com a festa do divino ao qual uma era considerada pagã e a outra católica.

Em entrevista a Caruso, em junho de 1981, Cascaes descreve os motivos de algumas festas anteciparem as datas de suas comemorações:

[...] Tem pessoas muito gananciosas que, para evitar a ocorrência de outras festas, celebram a deles antes como aconteceu esse ano em São José. Cada localidade faz sua festa. Então, para coincidir a festa de Santo Amaro da Imperatriz e a deles, eles antecipam para antes do calendário, querendo com isso ganhar mais dinheiro. (CASCAES apud Caruso, 1989. p. 159)

Desta forma, Cascaes ressalta a forma como a fé é simplesmente um subterfúgio para obtenção financeira de alguns eventos religiosos na região de Florianópolis. Mas com relação a fé sem o objetivo materializado pela ambição do lucro, Cascaes expressa em sua obra o respeito que deve ser dado a pessoa religiosa. Com relação a origem da festa do Divino o autor define da seguinte forma:

Segundo a tradição, no século XII na Alemanha, o imperador Oton Terceiro já, celebrava essas festas, para através delas angariar dinheiro para manter a pobreza, a miséria, que reinava na população alemã. (CASCAES apud Caruso, 1989, p, 159).

Isso ocorreu em outros lugares, como na França. Mas as principais fontes de informação sobre a festividade do Divino Espírito Santo, se encontram em Portugal, como se pode observar a seguir:

[...] a Rainha Isabel, mulher de Dom Dinis, filho de Pedro Terceiro de Aragão e Dona Constancia de Constantinopla, ela copiou ou ouviu falar das festas francesas e alemãs. Ela pensou, já que era muito católica, dava muita esmola, vivia só para a pobreza, para socorrê-la, isso era o ideal dela. Então ela instituiu as festas do divino espírito santo em Portugal. (CASCAES apud Caruso, 1989. p. 159).

Essas manifestações religiosas, como a festividade do Divino Espírito Santo, que ocorreram em Açores repercutiram em Santa Catarina, como observado acima a exemplo da região de Florianópolis e que também se manifesta ao vasto litoral catarinense.

Todas as manifestações de fé praticadas pelos açorianos são expressões de um povo que sempre se orgulhou da sua formação cristã e sua origem portuguesa. Estas são vistas pelos açorianos como força para enfrentar as privações da vida, sempre num verdadeiro hino de louvor a Deus. (FARIAS, 2001).

### 3 A TRADIÇÃO DO BOI DE MAMÃO

Diante das tantas definições a respeito do termo Folclore, Cabral (1954, p. 33) ressalta a definição de Rossini Tavares de Lima como uma definição aceitável, ou seja,

Folclore é a ciência que estuda os fatos da cultura material e espiritual, criadas ou adaptadas pelo meio popular dos países civilizados que, podendo ou não apresentar as características anônima e tradicional, são essencialmente de aceitação coletiva.

Já Cascudo (1972), define folclore como a cultura do popular, sua mentalidade plástica, consegue tornar os antigos em dados recentes, o que os torna assimiláveis as pessoas. Segundo ele, “o folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão sensível ao seu ambiente”. (p. 382).

Os folcloristas ligados ao movimento folclórico nacional, que buscavam legitimar os estudos sobre “cultura popular” como ciência, encontraram dificuldades em precisar melhor as fronteiras para tal disciplina, Renato Almeida, um dos maiores defensores do folclore enquanto uma área específica do conhecimento, dizia que o folclore estava “diretamente” ligado “ao grupo das ciências antropológicas”, assim como aproximava-se muito da Sociologia, “relaciona-se com a História, a Geografia, a Psicologia, a Economia, a Arte”. (SAYÃO, 2004. p. 84).

Com relação à cultura, Cabral (1954) afirma que esta é uma característica do ser humano e que todos os povos possuem cada um a sua cultura, sendo estes desde os mais rudimentares até os mais avançados. Assim, independente disso, suas artes, suas leis, seus costumes, representam manifestações de tudo o que o homem adquiriu ao seu grupo social, e conseqüentemente transmite aos seus descendentes.

Portanto, diante do que foi exposto, vale lembrar que o Folclore é uma disciplina da cultura, pois conforme nos coloca Cabral (1954, p. 157),

Nenhuma como ela alcança os mais variados aspectos. Nenhuma como ela satisfaz da melhor maneira, a curiosidade científica, a sede de saber do espírito humano. De saber pelo saber. Não de saber para um fim utilitário. Mas tão somente, para o enriquecimento do espírito.

Com o passar dos anos, de acordo com Burke (1989) a emergência do folclore não pretende democratizar os saberes e transformar as relações sociais, mas sim erguer trincheiras entre o culto e o popular, com a criação de uma disciplina

científica que se encarregasse de classificar e analisar o domínio das práticas populares.

No que concerne ao folclore, alguns folcloristas destacam a brincadeira de boi-de-mamão em Santa Catarina. Esta brincadeira surgiu em Santa Catarina por volta de 1871 apresentando sempre a presença de enredos dramáticos, utilizando vários personagens como o vaqueiro Mateus, o médico curandeiro, o cavalo-do-meirinho, a Maricota, a bernúncia e o próprio boi, que segundo Uriarte (2006, p. 15), “caíram no gosto popular e se tornaram representativos na tradição folclórica”. Esta brincadeira acontece em vários estados brasileiros, principalmente nos ciclos carnavalesco, junino e natalino.

Soares (1978) fala a respeito da brincadeira do boi-de-mamão, onde em Santa Catarina chegou através de pessoas vindas do Nordeste, chamando-se primeiramente como Bumba-meu-boi, depois passou a se chamar Boi-de-pano e finalmente Boi-de-mamão. No tempo em que a brincadeira era conhecida como Boi-de-pano, havia uma certa pressa com relação a fabricação da cabeça do boi, foi nesse momento que usaram um mamão verde, o que mais tarde passou a se chamar Boi-de-mamão.

De acordo com Carneiro (2001), a brincadeira envolve dança e cantoria em torno do tema épico da morte e ressurreição do boi. Esta brincadeira é encontrada em várias partes do país, recebendo diferentes nomes. Em Santa Catarina a brincadeira está presente em quase todos os municípios do litoral com o nome de "Boi-de-Mamão", mantido até a época atual, onde se vê cabeças de todos os tipos, até mesmo de boi, menos de mamão. A versão mais conhecida é a história do boi de estimação de um homem simples chamado Mateus. Certo dia seu boi come algo que lhe faz mal e por consequência morre. Diante disso, Mateus fica angustiado e leva seu boi ao médico e curandeiro que ressuscita seu boi, para a alegria de todos.

Conforme Uriarte (2006), no litoral catarinense a brincadeira se incorporou a presença açoriana por causa de suas cantorias e os instrumentos musicais utilizados para a realização do mesmo. Possui uma música alegre e dançante, e os instrumentos mais usados são o tamborim, pandeiro, gaita (sanfona), tambor e violão, apresentando trechos com letra e outros apenas com o uso de fonemas.

As letras da cantoria apresentam os personagens da brincadeira e falam da vida cotidiana de maneira bastante simples, podendo ser modificadas a cada nova apresentação, pois os grupos estão sempre reconstruindo suas representações no sentir, no dizer e no brincar. (URIARTE, 2006, p. 15).

Conforme Lúcio (2006), todos os tipos existentes na cultura de Boi de Mamão, contam de maneira diferente a mesma história, sendo que cada região o denomina conforme a sua cultura e crença, entre eles pode-se citar: Boi-Bumbá, Bumba-meu-boi, Boi de mamão, Boi de pano, Reisado, Boi pintadinho e tantos outros, sendo que todos esses configuram versões de mundos particulares.

Em torno da diversidade cultural existente em todo litoral catarinense, pode-se ter como um exemplo pertinente, as atividades folclóricas açorianas. Alguns tipos de práticas de entretenimento cultural deixados por esses imigrantes, e compartilhadas com a população que aqui já habitava, e que são praticados até os tempos mais recentes, pode ser analisado da seguinte maneira:

O boi-de-mamão foi trazido para estas bandas há mais de 250 anos e conta a história do empregado de uma fazenda cuja mulher grávida desejou comer língua de boi. Ainda hoje, a brincadeira é encenada nas comunidades de Ponta das Pedras e Ribeirão Pequeno. O folclore manifesta-se também na Dança da Ratoeira, no Pau-de-Fitas e nas cantigas do Terno de Reis. (LAGUNA BRASIL, acesso em 31 de outubro de 2010)

Diante disso, Uriarte (2006) ressalta que esta brincadeira acontece em vários estados brasileiros, principalmente nas datas próximas ao carnaval, no mês de Junho e próximo ao Natal.

### **3.1 A Tradição do Boi de Mamão na historiografia catarinense**

Atualmente para se entender as brincadeiras de boi-de-mamão é preciso perceber que dentro dos grupos de boi-de-mamão podem existir muitas realidades pessoais, com desigualdade social que interagem com outras complexidades pessoais. Portanto, o boi-de-mamão ocupa diferentes espaços, com uma visão romântica, mas sempre presa as tradições das comunidades que deram e dão vida até hoje. (GONÇALVES, 2006).

Com relação à origem do nome utilizado no litoral de Santa Catarina e que é mais divulgado como Boi-de-mamão, Doralécio Soares explica que:

[...] antigamente o folguedo era conhecido como Bumba-meu-boi, depois Boi-de-pano, mas ocorre que, com a pressa de fazer a cabeça, foi usado um mamão verde, e quando foi apresentado, recebeu o nome de Boi-de-

mamão. Nome este mantido até a época atual onde se vêem bois com cabeças de todos os tipos, até mesmo de boi, menos de mamão. Há quem contrarie esta versão, dizendo vir o nome Boi-mamão do boi que mama. Não existe registro que confirme ou desminta a versão do mamão-verde, conhecida a mais de cem anos, pois Jose Boiteux descreve uma dança de Boi-de-mamão realizada no Desterro no ano de 1871. As versões variam, mas o tema épico é o mesmo "Morte e Ressurreição do Boi".

Doralécio entende que no Nordeste brasileiro, devido às características do boi-de-mamão lá apresentadas, figuravam uma expressão mais dramática. Já no Sul, principalmente em Santa Catarina, as apresentações se manifestam de forma mais alegre, atraindo principalmente o olhar das crianças.

Já Farias (2000) entende que a cultura do folgueto de Boi-de-mamão é incorporada em todo o litoral catarinense, demonstrando algumas variações em determinadas regiões. Algumas dessas diferenças se manifestam pela coreografia, das apresentações da brincadeira de boi-de-mamão. Farias alega em sua obra que tais diferenças se justificam pela influência econômica de algumas regiões.

Vamos observar que em Florianópolis o boi fica doente, e é curado por Mateus (feiticeiro, curandeiro ou médico). Já no sul do Estado o boi é enfrentado e morto pela espada, sem ressuscitar. Por esta diferença:

[...] na grande Florianópolis o gado bovino era raro, criado para servir de força de trabalho. Portanto sua morte seria um desastre para o lavrador. No sul do Estado a pecaria de corte era atividade econômica básica. Nada mais natural que o gado morresse, pois esta era à sua função básica ser transformado em charque. Igualmente tem-se a variedade de bichos e personagens em função do imaginário e utilidade ao homem local, sendo elemento comum a todo o litoral, o boi, o cavalinho, o urso e a cabra. (FARIAS, 2000. p. 379)

Foi possível observar nesta obra de Farias (2000) algumas variações, o qual a origem deste folguedo é polêmica, pois alguns acreditam ser africana. Outros acreditam na origem ibérica, ligado à manifestação popular da tourada, inclusive pelos açorianos no nordeste, onde é conhecido por boi-bumbá ou bumba-meu-boi. "A cultura açoriana no Brasil é sem dúvida, a que mais apresenta esta forte relação entre o boi e o homem" (FARIAS, 2000. p. 380).

Além da grande diversidade cultural, no âmbito folclórico em Santa Catarina, no Brasil, e até mesmo de forma global, fica evidente o destaque a ser dado pelo autor em Santa Catarina. E nota-se, segundo as pesquisas desta obra, como que se constitui este termo folclórico no litoral catarinense, exemplificado em duas versões, uma compatível com a de Doralécio Soares, e outra apontando uma nova hipótese:

Os primeiros bois, brincados por crianças, teriam sido confeccionados utilizando-se um mamão verde para a cabeça do boi. Que os que iam debaixo do pano costumavam tomar bebidas alcoólicas, ficando zonzos. O termo mamado (bêbado), derivou para mamão - bêbado, daí a expressão boi-de-mamão, (boi bêbado). (FARIAS, 2000. p. 380)

Além das brincadeiras, de boi-de-mamão, o folclore açoriano, segundo Farias (2000) é ainda mais amplo neste âmbito, que provavelmente não tenha tantas variações de nome, mas que são praticadas em diversas regiões do Brasil.

Porém, essa brincadeira aparece no folclore catarinense de várias formas, geralmente apresenta-se de maneira mais graciosa, com coreografia alegre, o que encanta as crianças, que muitas vezes sentem-se com medo da figura do Boi. (SOARES, 1978).

Independente do nome usado, a brincadeira do boi em Santa Catarina, permanece no folclore cada vez mais criativa, autêntica, sempre empolgando às pessoas que fazem parte da mesma, até mesmo as milhares de pessoas que vem prestigiar o espetáculo. Esses acontecem antes do Natal e prolongam-se até os dias que antecedem o carnaval. (SOARES, 1978).

Ainda de acordo com Soares (1978), na maioria dos municípios do litoral de Santa Catarina, encontram-se até hoje nos costumes da cultura popular, a brincadeira do boi-de-mamão. No folguedo do boi-de-mamão, vale lembrar os principais personagens, sendo que alguns podem ter seus nomes trocados dependendo do grupo e do lugar, e podem surgir novos personagens dependendo da cultura do povo que o pratica:

O Boi-de-Mamão é a figura que durante a apresentação é ressuscitado com o auxílio e um médico benzedor chamado de Mateus, quando este é levado por seu dono: "O Boi vai se sacudindo aos poucos, e investe sobre a assistência, que aos gritos abre a roda, e o Boi começa a dançar, numa coreografia cujos movimentos graciosos a todos encanta." (SOARES, 1978, p. 10).

A Bernúncia é um personagem que foi inspirado na figura de um dragão celeste chinês, o que a faz ser assustadora. No decorrer do folguedo, ela investe sobre o público engolindo crianças e mais tarde dá à luz a uma bernuncinha;

Procurando valorizar a brincadeira, a criatividade do povo introduziu uma cena nova na apresentação da Bernúncia. Momentos após ela engolir duas crianças, nasce, para surpresa da assistência, uma bernuncinha que passa a seguir os passos da mãe: cena essa que recebe muitos aplausos dos que assistem (SOARES, 1978, p. 13).

Já Maricota é uma mulher altíssima, vaidosa e desengonçada, que ao dançar rodopiando esbarra seus enormes braços em quem estiver descuidado;

O personagem Cavalinho laça e recolhe o boi bravo como nos conta Soares (1978, p. 10):

O Cavalinho entra em cena rodopiando, em movimentos rápidos, numa coreografia das mais belas. Como um autêntico ginete, prepara a armada, escolhendo a melhor posição para atirar o laço sobre o boi, que está a investir contra os que lhe estão provocando. O laço boleado é atirado sobre as aspas do boi, numa laçada perfeita. As palmas da assistência coroam a habilidade do cavaleiro acertando na sua primeira laçada, pois ginete que se preze acerta no primeiro laço. O Boi continua os seus movimentos em roda de si mesmo, para firmar bem a laçada, visto que, as vezes, pegando apenas num dos chifres, o laço cai, e esses movimentos auxiliam a corda a se enrolar as aspas, evitando ao cavaleiro nova laçada e que seja vaiado pelos que assistem, que não perdoam um mau laçador.

A Cabrinha é o boi das crianças, que dança mais rápido e apresenta-se em tamanho menor.

Existem também o urso, macaco, ema, abelha, anão, girafa, urubu, barata, entre tantos outros. Para que todo o espetáculo aconteça, existem os acompanhamentos musicais, como a cantoria de 3 músicos, pandeiro, violão, gaita.

### **3.2 Mudanças e Permanências na tradição do Boi de Mamão**

Antes de descrever acerca das mudanças e permanências nesta tradição, vale destacar o conceito de folguedo trazido por Farias (2000, p. 378): “são manifestações folclóricas marcadas por coreografias livres, em que os movimentos dos praticantes, a musicalidade e as cantorias, quando existem, refletem a criatividade e a improvisação”. Tais folguedos não exigem tanta disciplina coreográfica, e por esse motivo acabaram sendo mais aceitos pelos povos que os praticam.

Para farias (2000), muitos ainda são os municípios que ainda praticam o folguedo do Boi-de-mamão, entre eles estão: Sombrio, Laguna, Tubarão, Imbituba, Imaruí, Garopaba, São Francisco do Sul, Araquari, Itapema, São José, Palhoça, São João Batista, Tijucas, Bombinhas, Navegantes, Penha, Itajaí, Biguaçu, Balneário Camburiú, Garopaba.

Até algum tempo atrás, cerca de trinta anos, o folguedo era apresentado nas ruas da cidade, no período de junho a agosto. Os grupos percorriam as ruas do bairro, e se apresentavam em frente da casa daqueles que contribuía com alguns

trocados, o “dono da casa,” mencionado nos versos. Não havia valor fixo, cada um contribuía com o que podia.

Hoje as apresentações de acordo com Farias (2000), se restringem a eventos e datas comemorativas, como na época de festas juninas, semana do folclore e no final do ano, mas continuam tocando o coração de todos, principalmente das crianças. Na maioria dessas apresentações, as crianças e pessoas são treinadas por antigos praticantes da brincadeira no Estado.

Além dos integrantes do grupo que vestem fantasias e dão vida a diversos personagens, a cantoria é acompanhada por 3 músicos com pandeiro, violão, gaita, incluindo um cantor que narra a estória. (CARNEIRO, 2001).

Farias (2000), ressalta que muitos animais e figuras tem sido acrescentados no folguedo, o que mostra as transformações locais e da época em que foi trazido pelos açorianos.

Em vista dessas mudanças na brincadeira com o passar dos anos, Saintyves (apud Cabral, 1954, p. 160) estabelece dentro do método histórico:

[...] quadros cronográficos, nos quais o encadeamento dos fatos, através dos tempos, seria disposto em linha vertical, em secções divididas proporcionalmente ao tempo decorrido, preocupando-se ainda o folclorista, antes de tudo, de indicar as variantes próprias a cada época.

Cabral (1954), afirma que toda cultura viva, pode passar por transformações na sua extensão e na sua estrutura. Ela pode aumentar, com o acréscimo de novos elementos, ou pode diminuir com a perda de outros, podendo se aperfeiçoar ou degradar. A única coisa que a cultura não pode é ficar inalterável. Segundo o autor, *“o dinamismo é condição universal, pois atinge todas as culturas, pois todas sofrem modificações na sua morfologia”*.

Já Farias (2000), diz que os valores culturais são a expressão da forma de pensar e agir da população, dependendo da época. Geralmente eles mantêm como linha básica o resultado das suas experiências acumuladas no decorrer dos anos.

Atualmente em Santa Catarina, existe um diverso conjunto de origens culturais diversas, onde Farias (2000, p. 354), coloca que:

Ao lado dos tradicionais moradores do litoral que por gerações sucessivas viveram na comunidade, refletindo a cultura tradicional da região, habitam milhares de novos litorâneos, originários de outras comunidades, com traços culturais diferenciados.

Para Gonçalves (2000) o Boi-de-mamão é uma ação cultural que descobre, cria e recria muitas maneiras de viver a vida dentro dos bonecos, das cantigas, dos personagens e de toda a brincadeira. Este folguedo é um processo contínuo de fazer e refazer, tanto dos elementos que pertencem a ele, assim como a própria brincadeira, que se faz no amor ao próximo e a própria brincadeira.

Portanto, Giddens (1991, apud Gonçalves, 2006), ressalta que o folguedo do boi-de-mamãe, deve sim ser um legado do passado, porém deve considerar a produção simbólica de cada uma das pessoas que fazem parte do grupo e da brincadeira, ou seja, ela não deve ser estática, mas sim reinventada a cada geração conforme sua herança cultural.

Diante do que foi exposto, sabe-se que a "cultura tradicional" de todo o litoral catarinense possui sua base cultural açoriana. Estes trazem em sua cultura, muita simplicidade, religiosidade, misticismo e muita alegria para as diversas classes sociais através que permeiam o território catarinense e avança através do tempo para outras regiões do Brasil.

## 4 CONCLUSÃO

Atualmente, com o processo de modernização, muitas foram as transformações nos aspectos políticos, econômicos e até mesmo nos ideais de conhecimento do ser humano. Dessa maneira, pode-se dizer que o folclore e a cultura popular não acabaram, pois ainda hoje pode-se perceber que por serem dinâmicos, eles crescem e incorporam novos elementos aos seus, tornam-se cada vez mais dinâmicos.

Dessa maneira, percebe-se que as mudanças e permanências a respeito da tradição do Boi-de-mamão, continuam despertando a curiosidade e o conhecimento no contexto em que se vive, assim como conjuga a formação intelectual, social, moral e física, possibilitando a integração entre os indivíduos, contribuindo para o desenvolvimento e equilíbrio físico-emocional.

Acima de tudo respeita os direitos de cada um e auxilia contra os efeitos da mecanização, sedentarismo, poluição, estresse, aculturação, provocados pelos meios de comunicação de massa, tornando-o indivíduo inserido no meio em que vive. Portanto, através desse estudo, constatou-se que as festas populares, nesta pesquisa em específico, a brincadeira do Boi-de-mamão, de tradição açoriana em Santa Catarina, é um meio pelo qual os seres humanos, expressam sua cultura. São nessas ocasiões, que muitas vezes aparecem os conhecimentos, as técnicas, os padrões de comportamento e até mesmo as atitudes de um povo. São todos esses elementos que nos trazem a oportunidade de entrar em contato com a condição humana, ou seja, suas buscas, suas ambigüidades e seus conflitos. Contudo gostaria de enfatizar o quanto foi importante, ter observado neste trabalho de conclusão de curso, a importância do folclore, no âmbito das ciências humanas, e em particular na História, com interesse de preservação, de um importante patrimônio cultural, neste caso, o boi-de-mamão.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo Companhia das Letras, 1989.

CABRAL, Osvaldo R. **Cultura e Folclore**: bases científicas do Folclore. Ed. Comissão Catarinense de Folclore. 1954. 299 p.

CARNEIRO, Graça. **Boi-de-Mamão**, Grupo Folclórico Infante-Juvenil do Porto da Lagoa. Ed. Papa-livro, Florianópolis, Santa Catarina, 2001. Disponível em: <http://www.vivonumailha.com/page2/page7/page7.html> Acesso em: Nov. 2010

CARUSO, Raimundo C., **Franklin Cascaes**: Vida e Arte, e a Colonização Açoriana. 2ª ed. Editora da UFSC: Florianópolis, 1989.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil Meridional**: uma viagem no tempo: 500 anos, litoral catarinense: Nova Prova Soluções Impressas, 2 ed. Florianópolis: SC. 2000.

GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Cantadores de Boi de mamão**: velhos cantadores e educação popular na Ilha de Santa Catarina. Tese de Dissertação de Mestrado em Educação. Florianópolis, 2000. Disponível em: [http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/553/3/Reonaldo\\_Manoel\\_Gon%C3%A7alves.pdf](http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/553/3/Reonaldo_Manoel_Gon%C3%A7alves.pdf) Acesso em: Nov. 2010.

\_\_\_\_\_. Educação Popular e boi de mamão. Diálogos brincantes. Tese de Doutorado. Florianópolis, 2006. Disponível em: [http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/552/3/Reonaldo\\_Manoel\\_Goncalves.pdf](http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/552/3/Reonaldo_Manoel_Goncalves.pdf) Acesso em: Nov. 2010

HALFPAP, Luiz Carlos: **Povo e Tradição em Santa Catarina**. Ed. Edeme: Florianópolis, 1971.

LÚCIO, Miriam Terezinha Lopes. **O Boi de mamão vivo (e) na escola**: uma leitura do grupo folclórico Beco do Beijo da cidade de Tubarão. Tese de Dissertação de Mestrado em Ciência da Linguagem. Tubarão, 2006. Disponível em: [http://busca.unisul.br/pdf/84852\\_Miriam.pdf](http://busca.unisul.br/pdf/84852_Miriam.pdf) Acesso em: Out. 2010.

PIAZZA, Walter F. **A epopéia açórico-madeirense 1748-1756**. Ed. Lunardelli: Florianópolis, 1992, p. 488.

SACHET, Celestino; SACHET, Sérgio. **Santa Catarina: 100 anos de história.** 1997.

SAYÃO, Thiago Juliano. **Nas veredas do Folclore.** Florianópolis, 2004.

SOARES, Doralécio. **Boi-de-mamão catarinense.** Cadernos de Folclore, 27. Rio de Janeiro: MEC, 1978. 39 p.

\_\_\_\_\_. **Folclore Brasileiro:** Santa Catarina. FUNARTE: Santa Catarina, 1979.

\_\_\_\_\_. **Folclore Catarinense.** Editora da UFSC. Florianópolis, 2006.

URIARTE, Mônica Zewe. Projeto Boi Bom e as Interfaces Artísticas. ANAIS. IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2006. Disponível em: [http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais4/monica\\_uriarte.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais4/monica_uriarte.pdf) Acesso em: Nov. 2010.

[www.portaldodivino.bpgplus.com.br](http://www.portaldodivino.bpgplus.com.br) (**Almir Martins, Novembro de 2010**).

<http://www.lagunabrasil.com.br/imprimirculturaias.html> Acesso em 31 de Outubro de 2010